

PAIS LEITORES E O INCENTIVO AO EXERCÍCIO DA LEITURA POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL¹

READING PARENTS AND THE INCENTIVE TO THE READING EXERCISE THROUGH CHILDREN'S LITERATURE

Luzinete Rodrigues Silva

RESUMO

Ressalta-se que a leitura apresentada desde a infância pode converter-se em uma experiência significativa e prazerosa com a participação e incentivo dos pais. O presente estudo possui como problema de pesquisa a pergunta: como pais leitores podem incentivar o exercício da leitura nos filhos por meio da literatura infantil? A pesquisa possui como objetivo geral elencar as formas dos pais influenciarem os filhos para a leitura. E como objetivos específicos: a) apontar a importância da leitura na interação escola e família; b) verificar os benefícios da leitura literária às crianças; c) mostrar as contribuições da literatura infantil ao exercício da leitura; d) apresentar possibilidades de incentivo à leitura às crianças para os pais, na perspectiva de alguns autores. Afirma-se que a leitura implica na capacidade do leitor de aprender, entender, comunicar e se expressar. Para que isso aconteça, o leitor precisa apreender as ideias expressas pelo autor, seja na leitura escrita, oral ou visual e partir dessa apreensão para inserir seus próprios significados. Apresenta-se a literatura infantil como instrumento ideal para atingir tal intento, pois seu aparecimento vincula-se à emergência das escolas para crianças, sendo fruto da ascensão da burguesia e do entendimento moderno de infância. Advoga-se que a leitura literária às crianças produz benefícios nos níveis cognitivo, linguístico, psicológico e afetivo. Crê-se que as contribuições da literatura infantil ao exercício da leitura, constituem-se em divertir e educar, pois permitem à criança a compreensão do real, vivenciar experiências e emoções do personagem na gratuidade do prazer e servem como agente de formação e reforço dos procedimentos pedagógicos. Relata-se alguns personagens da vida real que foram estimulados pelos pais ao exercício da leitura desde pequenos. Esse estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e os procedimentos utilizados neste trabalho consistiram em leituras e fichamentos de livros e artigos, impressos e digitais, além de um trabalho de conclusão de curso. Conclui-se que esse estudo contribuiu para compreender que a participação dos pais é fundamental na iniciação da leitura por prazer, na contação de histórias e na intermediação da literatura infantil.

Palavras-chave: Leitura na interação escola e família. Leitura literária. Literatura infantil. Pais leitores. Leitura para crianças – benefícios.

¹Aluna do Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso e como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: luzineters@hotmail.com. Orientadora: Dra. Elizete Vieira Vitorino, Professora do curso de Biblioteconomia, UFSC. E-mail: elizete.vitorino@ufsc.br. Um agradecimento especial a Dra. Clarice Fortkamp Caldin, Professora do curso de Biblioteconomia, UFSC. E-mail clarice.fortkamp.caldin@ufsc.br, recentemente aposentada, e que, na fase do projeto e de pesquisa, orientou a pesquisa com dedicação e competência profissional, imprescindível para a elaboração e conclusão deste trabalho.

ABSTRACT

Emphasizing that reading presented since childhood can lead to becoming a meaningful and pleasurable experience with the participation and encouragement of parents, the present study has as a research problem the question: how reading parents can encourage the exercise of reading in their children through children's literature? A research has as general objective to list the ways of crossed parents in their children for reading. And as specific objectives: a) to point out the importance of reading in the interaction between school and family b) verify the benefits of literary reading to children: c) show the contributions of children's literature to the exercise of reading; d) present possibilities of encouraging reading to children for parents, from the perspective of some authors. It is said that reading implies the reader's ability to learn, understand, communicate and express themselves. For this to happen, the reader needs to apprehend the ideas expressed by the author, whether in written, oral or visual reading and start from this apprehension to insert their own meanings. Children's literature is presented as an ideal instrument to achieve this goal, since its appearance is linked to the emergence of schools for children, resulting from the rise of the bourgeoisie and the modern understanding of childhood. It is argued that literary reading to children produces benefits on the cognitive, linguistic, psychological and affective levels. It is believed that the contributions of children's literature to the exercise of reading, consist in amusing and educating, as they allow the child to understand the real, experience the character's experiences and emotions in the gratuitousness of pleasure and serve as an agent of formation and reinforcement of pedagogical procedures. Some real-life characters are reported to have been stimulated by parents to exercise reading from a young age. This study was carried out through a bibliographic search, with a qualitative approach and the procedures used in this work consisted of readings and records of books and articles, both printed and digital, in addition to a course conclusion work. It is concluded that this study contributed to understand that the participation of parents is fundamental in the initiation of reading for pleasure, in the telling of stories and in the intermediation of children's literature.

Keywords: Reading in school and family interaction. Literary reading. Children's literature. Readers parents. Reading for children - benefits.

1 INTRODUÇÃO

Considerada um laço de afeto entre pais e filhos, o ideal é que a leitura escrita seja introduzida no ambiente familiar desde cedo. Se as crianças convivem com pais que possuem o exercício a leitura, elas podem despertar o gosto pela leitura de forma prazerosa. Bamberger (2008, p. 72) afirma que " [...] a função dos pais como modelo é decisiva, isto é, se eles mesmos gostarem de ler, induzirão facilmente os filhos a lerem regularmente".

Para que as crianças aprendam a ler e gostar de ler o exemplo é fundamental e desta forma elas terão mais condições de perceber o ato de ler como uma atividade importante e envolvente, como ato realizado no cotidiano familiar.

Viegas e Nascimento (2015, p. 58) ressaltam que:

O amor pelos livros e o hábito de ler não aparecem de repente, é preciso desde cedo que a criança seja apresentada pelos pais a esse mundo mágico da leitura. Se os pais têm o interesse e a disponibilidade de contar histórias todos os dias aos seus filhos, esses por sua vez vão se interessar e gostar cada vez mais dos livros. Depois cabe à escola continuar cultivando esse hábito.

Muito embora Viegas e Nascimento (2015) tenham usado a expressão “hábito de ler”, no presente artigo usaremos a expressão “exercício da leitura”, pois entendemos que a leitura é um ato, um exercício a ser praticado de forma consciente e não um hábito, pois esse último vocábulo passa a ideia de algo automático, que realizamos sem pensar.

Filhos de pais que exercitam a leitura com os filhos geralmente têm acesso à leitura de textos literários muito tempo antes da alfabetização da leitura escrita, por meio de livros ilustrados, por contação de histórias ou cantigas realizadas na hora de dormir ou mesmo por *e-books*, haja vista que eles despontam com força no mercado editorial para crianças. Cabe ao adulto leitor apresentar a leitura literária às crianças, para que elas consigam desenvolver o gosto pelos livros no decorrer de sua vida. Quando o adulto lê uma história para crianças que representa o cotidiano em que elas vivem ou que representa situações e peripécias diferentes do cotidiano, esse adulto permite que elas se identifiquem com a realidade presente na história, ou vivenciem o diferente, aquilo que o universo ficcional tem de mais sedutor.

Iser (1996, v. 1, p. 50) afirmou: “No processo da leitura se realiza a interação entre a estrutura da obra e seu receptor”. De fato, Iser (1996, v. 1, p. 53) defendeu que “[...] devemos substituir a velha pergunta sobre o que significa esse poema, esse drama, esse romance pela pergunta sobre o que sucede ao leitor quando sua leitura dá vida aos textos ficcionais”. Assim, Iser (1996, v. 1) entende que o texto estimula o leitor, mas é esse último que dá significado ao lido; o texto apresenta um potencial de sentido, mas o leitor tem a liberdade de interpretar o que leu; o texto orienta o leitor, mas a atualização da leitura quem faz é o leitor. Além disso, Iser (1999, v. 2) apresenta a leitura como um jogo prazeroso.

Assim, se a leitura ofertada às crianças se revestir do prazer proporcionado pelo texto e pela mediação do adulto, que também a executa com prazer, é grande a probabilidade de as crianças serem atraídas para a leitura na infância; aventa-se a possibilidade que essa atração continue na idade adulta. Se as crianças forem estimuladas a ler, se a elas for permitida a liberdade de interpretação, os textos ficcionais serão vivenciados como um jogo, uma brincadeira.

Ressaltando que a leitura apresentada desde a infância pode converter-se em uma experiência significativa e prazerosa, sendo possível com a participação e motivação dos pais,

o presente estudo possui como problema de pesquisa a pergunta: Como pais leitores podem incentivar o exercício da leitura nos filhos por meio da literatura infantil?

A pesquisa possui como objetivo geral elencar as formas dos pais influenciarem os filhos para a leitura. E como objetivos específicos: a) apontar a importância da leitura na interação escola e família; b) verificar os benefícios da leitura literária às crianças; c) mostrar as contribuições da literatura infantil ao exercício da leitura; d) apresentar possibilidades de incentivo à leitura às crianças para os pais, na perspectiva de alguns autores.

Ressalta-se que a literatura fez parte da infância da autora. É forte a lembrança do pai sempre lendo, lendo livros, jornais e lendo para os filhos. Sua mãe já possuía o exercício de contar história oralmente, umas conhecidas e outras inventadas. A acadêmica passou a mesma cultura para os filhos por perceber que ler não é somente decifrar códigos a leitura, que ela desperta a fantasia e permite o leitor imaginar lugares sem ele nunca ter ido lá, naquele cenário narrado. A leitura contribui para resolver situações individuais ou do cotidiano social. Ela dota o indivíduo para formar cidadãos independentes e com senso crítico.

Mas há que se destacar também, para o trabalho de conclusão de curso, a justificativa social é a seguinte: a importância da influência dos pais no tocante exercício da leitura dos filhos, formando sujeitos críticos. A justificativa científica, se apresenta desta forma a literatura infantil como um meio por excelência para atingir tal intento.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi bibliográfica com abordagem qualitativa. De acordo com Gil (2009, p. 50) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida através de materiais já elaborados, como livros, teses dissertações, anais de eventos, periódicos e outras fontes de informações bibliográficas. A abordagem qualitativa, conforme Goldenberg (2004) auxilia na identificação de conceitos e variáveis relevantes de situações, não apresenta os processos através dos quais suas conclusões foram alcançadas e pode haver interferência do pesquisador através de seus valores na seleção e no encaminhamento do problema estudado. Assim, no presente estudo, não se procederá a análises estatísticas. Os procedimentos utilizados neste trabalho consistiram em leituras e fichamentos de livros e artigos, impressos e digitais, além de um Trabalho de Conclusão de Curso. Depois, procedeu-se à análise e interpretação dos dados coletados com intuito de elaborar um texto que respondesse à pergunta da pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nas subseções a seguir serão apresentados os assuntos desenvolvidos nesse trabalho, com a finalidade de atingir os objetivos da pesquisa tanto geral como específicos. Serão abordados: a importância da leitura na interação escola e família, os benefícios da leitura literária às crianças, as contribuições da literatura infantil ao exercício da leitura, relatos de alguns autores que foram estimulados pelos pais ao exercício da leitura desde pequenos.

3.1 A importância da leitura na interação escola e família

Em algumas escolas, o ato de ler é entendido, basicamente, como decifrar o código escrito com objetivo de compreender um texto. Essa compreensão implica no desenvolvimento de competências: o conhecimento linguístico e o conhecimento textual. O primeiro passa pelo reconhecimento do vocabulário, e por saber juntar as letras em palavras, as palavras em frases, podendo assim organizar as ideias e formar sentidos. O segundo compreende o entendimento da estrutura da narração, exposição e descrição dos acontecimentos registrados no texto.

Embora o ato de ler esteja relacionado à escrita e o leitor visto como um decodificador da letra, questiona-se: será que a leitura ocorre apenas quando conseguimos decifrar as palavras? Leffa (1996, p. 11) ressalta que “Pode-se ler tristeza nos olhos de alguém, a sorte na mão de uma pessoa ou o passado de um povo nas ruínas de uma cidade. Não se lê, portanto, apenas a palavra escrita, mas também o próprio mundo que nos cerca”. Paulo Freire (1989, p. 9) acrescenta “A leitura de mundo precede a leitura da palavra [...].”

Caldin (2010) acrescenta que devido ao fato de leitura possuir várias concepções e conexões, ela está presente no nosso dia-a-dia, quando fazemos leitura de um quadro, de gestos, olhares, tempo, espaço, paisagens e fotografias. Inserida no nosso cotidiano, a leitura é muito mais que extrair significados de um texto, a leitura está presente em todos os momentos de nossa vida, nos auxiliando, nos informando ou oferecendo lazer.

Bamberger (2008) conceitua a leitura como um processo difícil que concebe várias fases de desenvolvimento. Ela começa pelo processo perceptivo no qual o leitor reconhece os símbolos; em seguida acontece a mudança para os conceitos intelectuais em que ocorre a tarefa mental composta pela compreensão, interpretação e avaliação das ideias percebidas; na sequência desenvolve-se o processo reflexivo à medida que as ideias vão se conectando em unidades de pensamento maiores. Para que se efetue o ato da leitura é necessária a união de

todos esses processos: “Os processos conscientes da leitura funcionam não de modo paralelo, mas sequencial, um após o outro.” (LEFFA, 1996, p. 23).

A leitura implica na capacidade do leitor de aprender, entender, comunicar e expressar. Para que isso aconteça o leitor, com sua experiência de mundo, precisa apreender as ideias expressas pelo autor, seja na leitura escrita, oral, visual e partir dessa apreensão para inserir seus próprios significados. Quando essa interação acontece, seja ela por prazer ou informação, podemos dizer que a leitura aconteceu. Podemos dizer também que a leitura consegue ser eficaz quando preenche as lacunas das nossas inquietações como leitores.

Segundo Magnani (2001, p. 52; 53, grifo da autora):

Estudos recentes, como os de Paulo Freire e Emília Ferreiro, têm mostrado que, ao entrar na escola, a criança traz consigo um conhecimento empírico em termos da leitura e escrita do mundo e da literatura. De um modo geral, porém, principalmente as crianças de estratos sociais mais baixos, que frequentam a escola pública, enfrentam dupla dificuldade: o *aprendizado da técnica de escrita e leitura*, em decorrência do pequeno contato anterior com o material impresso, pelas condições da família e seu grupo social, e o *aprendizado de um registro linguístico, a “norma culta urbana”* que, embora seja uma abstração, é imposta como parâmetro para julgar errado ou inconveniente o modo de falar dessa criança. Por não levar em conta a linguagem como forma de interação social e ignorando o contexto da enunciação, a alfabetização fica restrita ao aprendizado de uma técnica, consistindo apenas na decodificação e decodificação dos sinais gráficos descontextualizados.[...] Se consegue passar pelo rito iniciatório da alfabetização, ou seja, se se submete aos condicionamentos preparatórios para a leitura e escrita, demonstrando habilidades visuais, auditivas, motoras e físicas, e vencendo a cartilha, a criança recebe como prêmio o direito de começar a ler. Começa então a tomar contato com o que a escola denomina de “texto” e “leitura” (o que fez essa criança até então?), normalmente através do livro didático.

O leitor criança chega na escola trazendo seu conhecimento de mundo em relação a leitura, a escrita e a literatura, passando depois a enfrentar o processo de alfabetização e consequente decodificação do escrito. As crianças de famílias de situações econômicas vulneráveis, cujo poucos pais podem oferece materiais, jogos, livros e principalmente atenção, acabam entrando em desvantagens em relação as crianças que vem de famílias com uma classe social culta, por isso a escola deve respeitar as diferenças de cada criança no processo da aprendizagem da leitura e escrita, quando a escola entende a necessidade e a realidade de cada criança, ela facilita a sua inclusão social além de ajudar a família no preparo da criança para o enfrentamento das diversas situações sociais.

Magnani (2001) aponta como falha do livro didático a fragmentação do texto, a adaptação que alguns escritores fazem para o uso das escolas, o que não dá uma visão do todo; além disso, o texto é apresentado como pretexto para exercícios pedagógicos; sugere ainda que se apresente à criança diversidade de enredos, gêneros e autores. A autora acredita que a leitura, se utilitária, não contempla a gratuidade, o prazer, o enlevo, a descoberta de sentidos do texto. Entendemos que se a a escola não se preocupar com a interação texto leitor, a leitura se restringe

como uma ferramenta para a alfabetização e vista como uma técnica de decodificação dos sinais gráficos. Por isso podemos entender a importância da escola na formação das crianças, pois a escola pode ser a única oportunidade que as mesmas possuem para adentrar no universo literário. Cabe ao professor e à família modificarem, na medida do possível, ajudar as crianças a focarem na leitura emancipadora, “[...] que permitem às crianças extrair o sentido do texto, inferir sentido ao texto e interagir com o texto.” (CALDIN, BLATTMANN, 2020, p. 683).

Conforme Martins (2006, p. 46)

A aprendizagem da leitura da escrita significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica um comprometimento, uma ruptura com a passividade em relação ao uso dos códigos da sociedade atual. A prática da leitura pode contribuir para mudar a vida do leitor, no sentido de que ela pode proporcionar a ampliação do seu repertório e a aquisição de uma visão crítica diante da sua realidade social.

O ato de ler faz parte da formação do indivíduo, ampliando seu conhecimento, permitindo que ele amplie sua capacidade cognitiva, possibilitando uma capacitação no convívio social e cultural. A leitura promove uma emancipação, autorizando, de certa forma, que o leitor se torne crítico e seletivo nas escolhas que lhe são apresentadas.

Carvalho (2006, p. 127) esclarece que

O processo de leitura da literatura contribui para a formação do sujeito não só enquanto leitor, mas, sobretudo, como indivíduo historicamente situado, uma vez que a interação texto-leitor promove o diálogo entre o conjunto de normas literárias e sociais presentes tanto no texto literário quanto no imaginário do sujeito.

De fato, a literatura, ao propor questões diversas em cada texto apresentado, além de permitir a interpretação do leitor e suas respostas a cada questão, estimula o imaginário e contribui para a formação do indivíduo.

Segundo Carvalho (2006, p. 128) “Para que ocorra esse diálogo [texto-leitor] é necessário que instituições como escola e família assumam o papel de mediadores sociais [...]”. O autor lamenta o fato de que no Brasil a escola é, na maioria das vezes, o único espaço em que as crianças têm a possibilidade de ter contato com a literatura infantil, haja vista a situação social vulnerável de algumas famílias e também porque a leitura da literatura na escola é apresentada de maneira sistemática (Carvalho, 2006).

Assim, muito embora a leitura na escola apresente alguns problemas, como por exemplo, oferecer textos literários incompletos (sem a visão do todo), priorizar a leitura informativa (destaque ao livro didático), não se preocupar muito com a interação texto-leitor (a expressividade e criatividade em segundo plano), tendo em vista que geralmente a escola é a principal (e para muitas crianças, a única) difusora da literatura infantil.

3. 2. Os benefícios da leitura literária às crianças

Quando a leitura de textos literários possibilita a interação do leitor, despertando seu amor pelos livros, pode ocorrer a magia da leitura literária, da imaginação e do pensamento. A leitura nos permite transferir as palavras impressas de um livro para nossas mentes, criando um cenário no qual somente o leitor consegue imaginar. A leitura literária nos permite viajar para o passado, para o futuro, conhecer culturas diferentes, ela nos permite identificar com situações do mundo real contidas nas histórias e ela tem o poder de mexer com as nossas emoções.

Caldin (2010, p. 41) fala da leitura literária como sendo uma leitura poética:

Assim, a leitura poética permite não apenas sonhar (evasão) e compartilhar ideias (socialização), mas também uma transposição dos elementos da realidade para o universo ficcional (representação do real), uma composição, um fingimento, uma invenção da realidade (reelaboração do real sob a forma do jogo e da ficção).

Dessa feita, a leitura literária (ou leitura poética) tem como finalidade o prazer, o sonho, a recriação da realidade, de ser uma brincadeira com o texto.

Para Mesquita (2006) se o livro é apresentado à criança desde cedo e ela possui um convívio diário com ele, a curiosidade e o interesse pela leitura podem ser estimulados.

Yunes (1995, p. 186) afirma que “Ler significa descortinar, mudar de horizontes, [...] interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. O prazer de ler é também uma descoberta.”

Que leitura possibilitaria descobrir as nuances do real? Pode-se dizer que é a leitura literária. A leitura literária não substitui a experiência da vida real, mas pode nos ajudar a escolher soluções no enfrentamento de experiências dolorosas.

Sunderland (2005, p. 16) destaca a importância de contar histórias para crianças porque isso as ajuda a lidar com seus sentimentos. Isso se torna possível porque “para as crianças, a linguagem cotidiana não é a linguagem natural do sentimento. Para elas, a linguagem natural do sentimento é da imagem e da metáfora, como em histórias e sonhos.”

Muito embora Sunderland (2005), que é fundadora do Centro de Saúde Mental Infantil do Reino Unido, mostre ao longo de seu livro o valor terapêutico de contar histórias para crianças, pode-se dizer que a leitura traz os mesmos benefícios, pois também ajuda o emocional das crianças.

Conforme Caldin (2001, p. 32) “A função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções.” A autora parte da catarse aristotélica, explicando que a mesma é afloramento das emoções e a purificação dessas emoções. Isso

acontece porque os acontecimentos narrados se passam no universo ficcional e não na nossa vida.

Os escritores, quando realizam um trabalho de qualidade com a produção de seus textos, descrevem as pessoas e situações de uma forma tão viva que nos dão a sensação de estarmos realmente vivendo aquilo; à medida que percorremos o texto literário criamos uma interação na qual podemos imaginar o que vai acontecer na próxima página; quando a leitura vai chegando ao fim vamos adquirindo uma expectativa sobre o que ocorrerá com os personagens, e uma certa tristeza, que acabará com o início da leitura de um novo livro.

Proust (1991, p. 23, 24) amante da leitura, relata a tristeza que sentia ao terminar um livro, quando ainda era criança:

E aí? Esse livro não era senão isso? Esses seres a quem se deu mais atenção e ternura que às pessoas da vida, nem sempre ousando dizer o quanto a gente os amava, mesmo quando nossos pais nos encontravam lendo e pareciam sorrir de nossa emoção [...] Essas pessoas por quem se tinha suspirado e soluçado, não as veríamos jamais, jamais saberíamos alguma coisa delas [...] Queríamos tanto que o livro continuasse, e, se fosse impossível, obter outras informações sobre todos os personagens, saber agora alguma coisa de suas vidas, empenhar a nossa em coisas que não fossem totalmente estranhas ao amor que eles nos haviam inspirado.

Essa expectativa sobre o que acontecerá com os personagens é um dos benefícios da leitura: permite instigar a imaginação do leitor, fazê-lo vivenciar a ficção. Segundo Proust (1991) a leitura é salutar porque exerce influência positiva sobre as pessoas.

Sartre (2004, p.39) afirma que:

Uma vez que a criação só pode encontrar sua realização final na leitura, uma vez que o artista deve confiar a outrem a tarefa de completar aquilo que iniciou, uma vez que é só através da consciência do leitor que ele pode perceber-se como essencial à sua obra, toda obra literária é um apelo.

Sobre o exercício da leitura, consideramos que o autor passa através do texto uma ideia e o leitor que tem um papel essencial na participação da construção de sentido; será através de seu conhecimento e suas vivências que acontecerá a relação entre leitor, texto e autor, conseguindo apreender algo, formar sentidos. Nesse sentido, a literatura é um apelo, que mais forte será se a leitura for apresentada como um prazer.

Morais (1996) esclarece que a leitura em voz alta para uma criança tem três funções: cognitiva, linguística e afetiva. Segundo ele, no nível cognitivo, a leitura estabelece associações entre as experiências dos outros e a nossa, permite ao leitor não só organizar as informações, mas também a conservá-las na memória; no nível linguístico, permite o entendimento entre a linguagem falada e a linguagem escrita, os sinais de pontuação, o desenvolvimento da estrutura de frases e textos, e ajuda a entender, no futuro, uma leitura mais densa; no nível afetivo, fortalece a relação de confiança com a pessoa que está lendo para ela (MORAIS, 1996).

De fato, a leitura contribui para que a criança aumente seu vocabulário, ajuda a entender outras pessoas e culturas, permite adquirir uma bagagem intelectual e aguça a curiosidade em ler outros livros. O livro proporciona a formação à criança por meio do que leu e aprendeu.

Advoga Bamberger (2008, p. 28): “Os bons livros infantis, por conseguinte, são o fundamento do ensino de leitura. O interesse pelo enredo e pelo destino dos personagens leva a criança a terminar o livro num curto prazo de tempo.” No livro infantil, a fantasia desperta o lúdico, possibilitando que a criança libere sua imaginação colocando-se no lugar do personagem. O texto pode contribuir com a criança para ver como ela pode resolver situações do cotidiano, seja no campo individual ou coletivo (familiar). A criança tem à sua disposição, recursos para aprender como desenvolver seus sentimentos, imaginação e emoções. O livro permite que ela libere a fantasia por meio do conteúdo que compõe, sendo por palavras, ilustrações ou som. Sobre isso, segundo Mansur (2005, p. 12): “Alimentar o imaginário da criança é desenvolver a função simbólica por meio de textos, de imagens e de sons.”

Interessa-nos verificar a declaração de Morais (1996, p. 13): “a leitura foi muitas vezes comparada à alimentação. Um texto, conforme nossa fome e nossa disposição momentânea, a gente engole, devora, mastiga, saboreia. [...] E se o texto é poético, sendo a poesia mais etérea que a prosa, ler é também respirar.”

É pertinente finalizar essa subseção com a declaração de Morais (1996), pois, assim como o corpo físico necessita de boa alimentação para ficar bem nutrido, o corpo emocional também necessita de nutrientes que mantenham o espírito ativo – esses são produzidos pela leitura literária.

3.3 Contribuições da literatura infantil ao exercício da leitura ao longo da vida

Ao iniciar a reflexão sobre a literatura infantil, pensamos ser importante contextualizá-la com alguns acontecimentos históricos, para que seja possível compreender como tal literatura foi sendo entendida e utilizada. O termo literatura infantil só começou a se consolidar a partir do século XVII, quando a classe burguesa e o capitalismo despertaram uma necessidade de escolarização das classes menos afortunadas.²

² Muito embora se atribua à Revolução Francesa a instituição do ensino público obrigatório às crianças de todas as classes sociais em 1789, isso de fato aconteceu antes, em outro país. Frederico Guilherme I, rei da Prússia, instituiu a obrigatoriedade do ensino primário em seu país, em 1717. (jornalggn.com.br/politicas-sociais/a-historia-do-nascimento-da-educacao-publica)

Foi durante este período que os adultos começaram a mudar sua visão errônea de que as crianças eram pequenos adultos. É da necessidade de uma literatura voltada para os pequenos que surgiu a construção de histórias, que apesar de produzidos pelos adultos, seria um gênero voltado às crianças, o ensejo é de prepará-las para a vida adulta (SANTOS; SILVA; CHIARO, 2012).

Na sociedade antiga não havia uma separação do mundo adulto com o mundo infantil, as crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, partilhavam dos mesmos eventos sociais. Com a ascensão da família burguesa e seu novo modelo familiar, em que o pai tinha como obrigação prover o sustento familiar, enquanto a mãe era responsável pelo trabalho doméstico, a educação e as necessidades físicas e emocionais dos filhos, começa-se a pensar na infância de uma forma diferente. (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1984)). Até então as crianças consideradas nobres tinham acesso aos grandes clássicos, ensinados e divulgados por seus preceptores particulares e as mais pobres ouviam lendas e contos folclóricos nas ruas e nas casas. (CUNHA, 1987, p. 19).

Mas surge um novo grupo: as crianças nascidas na burguesia, com acesso às escolas e livros voltados a esse público. A escolarização, quando tornada obrigatória, atingiu também as crianças das classes mais pobres, que tinham acesso ao ensino leigo. Dessa forma, a ascensão da família burguesa junto com seu modelo familiar, o novo significado de infância e a renovação escolar ocasionam o surgimento e difusão da literatura infantil (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1984). Lembram Zilberman e Magalhães (1984, p. 11): “É a psicologia infantil que assegura a teoria da formação da criança; e sua aplicação no campo didático proveio da pedagogia”.

As primeiras obras voltadas para o público infantil não eram direcionadas a despertar a fantasia nas crianças, tinham um papel de novo modelo familiar buscando dar às crianças as importantes lições de moral e caráter. Durante muito tempo essas obras foram vistas apenas como ensinamento infantil, usadas como práticas pedagógicas com o intuito de mostrar às crianças práticas sociais através de histórias. Embora a literatura infantil tenha um vínculo desde sua origem com os aspectos pedagógicos, ela passa a auxiliar também na formação cultural e social permitindo uma emancipação das crianças (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1984).

Arelada aos contextos histórico e social e presa à pedagogia, a literatura infantil serve como um instrumento de dominação dos adultos, conquanto, pela leitura, ela sirva também para as crianças entenderem o mundo:

Assim se a criança – devido não só à sua circunstância social, mas também por razões existenciais – se vê privada ainda de um meio interior para a experimentação do mundo, ela necessitará de um suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar. É este lugar que a literatura infantil preenche de modo particular, porque, ao contrário da pedagogia ou dos ensinamentos escolares, ela lida com dois elementos que são especialmente adequados para a conquista desta compreensão do real: – com uma história, que apresenta, de maneira sistemática, as relações presentes na realidade que a criança não pode perceber por conta própria [...] – com a linguagem, que é o mediador entre a criança e o mundo, de modo que, propiciando, através da *leitura*, um alargamento do domínio linguístico, a literatura infantil preencherá uma função de conhecimento. (ZILBERMANN; MAGALHÃES, 1984, p. 13, grifo nosso).

Ao tratar do lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil, Zilbermann (1983) aponta para as instituições e produtos culturais que surgiram e fortaleceram a nova visão de infância: a escola e os livros; a escola como organismo regulador dos novos preceitos de pedagogia e os livros como recurso na ênfase dada à alfabetização, ajudado pelas tecnologias editoriais. Assim:

É nesta medida que se justifica o lugar que a literatura ocupa na engrenagem social e as razões que levaram à sua configuração como modalidade cultural predileta das crianças. Pois esta devia provir do cruzamento entre o reforço dos procedimentos pedagógicos aos quais cumpria a formação intelectual do novo sujeito e a ênfase no domínio do recurso técnico que lhe abria as portas da sociedade, qual seja a *leitura*. Por um lado, o resultado é a instalação plena da escola no coração da vida social; por outro, é a produção crescente de livros para crianças, o que ainda propicia, numa direção ascendente, o aumento do mercado, por meio do incentivo, bem-intencionado desta vez, ao consumo (ZILBERMANN, 1983, p. 21, grifo nosso).

A autora mostra ainda outra contribuição da literatura infantil ao exercício da leitura: a importância concedida ao leitor criança, a preocupação com o gosto infantil e a qualidade literária do texto (ZILBERMANN, 1983).

Nascida para fortalecer a pedagogia dominante, a literatura infantil sempre teve o viés educativo. Entretanto, aos poucos foi ganhando contornos que a aproximavam mais do estético. Mais isso ainda não foi totalmente resolvido. Existem divergências nas opiniões a respeito da literatura infantil e seu pertencimento a arte literária ou a área pedagógica, o que envolve uma questão muito discutida sobre qual a sua finalidade, se é a de divertir ou instruir as crianças.

Zilbermann (1985, p. 69-70) explicita:

Com efeito, a caracterização da obra literária evidencia o dilema da literatura infantil. Se esta quer ser literatura, precisa se integrar ao projeto desafiador próprio a todo o fenômeno artístico. Nesta medida, deverá ser interrogadora das normas em circulação, impulsionando seu leitor a uma postura crítica perante a realidade e dando margem à efetivação dos propósitos da leitura enquanto habilidade humana. Caso contrário, transformar-se-á em objeto pedagógico, transmitindo a seu receptor convenções instituídas, em vez de estimular a um conhecimento da circunstância humana que adotou tais padrões. Debatendo-se entre ser arte ou ser veículo de doutrinação, a literatura infantil revela sua natureza [...]

Caldin (2002) entende que diante da existência do impasse, que vem sendo discutido desde o século XVII, a respeito da polêmica de qual área pertence a literatura infantil, se é à

área da literatura ou da pedagogia, e diante dos vários estudos realizados sobre esta questão, deduz que os textos infantis fazem parte tanto da literatura (pois despertam prazer e divertem) quanto da pedagogia (pois possuem, mesmo mascarados, a intenção de educar).

Coelho (2000, p.15) afirma “[...] que a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.”

Todavia, defendemos a tese de que a literatura infantil atinge a finalidade de divertir as crianças quando ela consegue atingir seus objetivos, pois se a leitura causa prazer estético, também consegue despertar o interesse pelo livro, e isso foi o que se esperou da leitura para aquele momento.

Segundo Pennac (1998), não deveria ser impingida como um dever, pois se a leitura se configurar como uma imposição, a história perderá o encanto. Em casa, com pais leitores, é provável que a leitura seja apresentada de forma lúdica, mas na escola, de maneira geral, é entendida como uma obrigação, com cobranças pedagógicas. Professores e bibliotecários de biblioteca escolar podem obter sucesso no incentivo à leitura às crianças se olharem com carinho para os dez direitos do leitor listados por Pennac (1998): o direito de não ler; o direito de pular páginas; o direito de não terminar um livro; o direito de reler; o direito de ler qualquer coisa; o direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível); o direito de ler em qualquer lugar; o direito de ler uma frase aqui e outra ali; o direito de ler em voz alta; o direito de calar.

Essa lista de direitos mostra como a leitura não obrigatória pode ser prazerosa. Especialmente o direito ao bovarismo – isso é ao sonho, à fantasia. Com relação ao direito de reler, é pertinente a citação de Patte (2014, p.137):

O livro é permanência. O objeto está ali, sempre à disposição. O leitor pode reviver à vontade, e como desejar, relatos, experiências e emoções. A criança, como se sabe, gosta de ler e reler. Para ela, a leitura está nos domínios do ser, e não do ter. Longe do tumulto cotidiano, no meio da noite, esse simples objeto oferece uma ocasião excepcional para um encontro face a face com um adulto querido que lhe dá todo o seu tempo para esses momentos de interioridade. A criança sente-se, assim, plenamente reconhecida. Ela e o adulto sentem-se felizes por estarem juntos. Terminada a história, o livro é fechado. Fica qualquer coisa na vida compartilhada em família, na escola e nas bibliotecas. É assim que se constrói uma cultura em comum.

O objeto livro está sempre ali para ser utilizado e compartilhado, estimulando a imaginação das crianças, permitindo que elas interajam com a história, pois além de acompanhar as aventuras de um personagem, elas podem ser aquele personagem, vivenciar a história por meio da fantasia. Se essa leitura é oferecida com carinho e com diversão por um adulto, possivelmente haverá uma relação de troca, despertando a magia de ler uma história pelo prazer de ler. E depois, pelo prazer de reler.

A partir do momento em que o pai ou professor reserva um tempo para realizar uma leitura, ou oferecer um livro para o filho ou aluno e continua repetindo esse momento, ele cria um compromisso com as crianças que passam a entender que ler é um ato de encontro e que vale a pena incluir a leitura nas suas atividades diárias. Devido a esses exemplos as crianças podem começar a valorizar os livros, comparar e identificar neles instrumentos pessoais que respondem a seus interesses naquele momento.

Conforme Mesquita (2006, p. 18, grifo do autor):

O mundo da literatura infantil é mágico. As palavras têm o poder de envolver e de transportar o leitor para um lugar não só imaginário como também real. Trabalhar com a literatura infantil é, portanto, abrir, de par em par, as portas do mundo a seres que buscam a formação humana e cultural como utentes de uma sociedade. Os livros são companheiros indispensáveis e insubstituíveis que a criança pode levar para qualquer lugar. Logo, a criança deve poder usufruir do “*capital*” cultural contido no universo dos livros. Contudo, cabe ao adulto facultar-lhe o acesso a este universo.

Toda a literatura infantil deveria envolver as crianças emocionalmente, proporcionar oportunidades de interação dos pais e educadores para aumentar o interesse da criança pelo livro. Lembra Duarte (2019, p. 141, 143) que:

O contato da criança com o livro e a leitura pode ocorrer das mais diversas formas possíveis. Há aquela experiência literária que é visual primeiro, quando pais, tios, avós, professores manuseiam e leem e o exercício da leitura está nas imagens. Quantos livros de plásticos, panos, borrachas, entre outras possibilidades e material mais resistente que o papel está à disposição de pretendente leitor? Vários! [...] Muitos dos primeiros passos de uma criança leitora pela trilha da leitura são iniciados em casa, na biblioteca da família.

Essa citação indica a ampla gama de possibilidades de ofertar a literatura infantil, mesmo se a criança não está escolarizada, de fato, mesmo que ela seja um bebê! Ela aponta a responsabilidade do papel dos familiares na construção do gosto de ler.

3.4. Como os pais podem incentivar o exercício da leitura

A literatura infantil permite formar um elo entre pais, filho e livro, um benefício afetivo por meio da troca de experiências e conhecimentos que inspira, que transforma, permitindo à criança pensar criar e imaginar. Esse elo que começa na infância deve permanecer durante um longo trajeto e não deve parar quando a criança aprende a ler.

Pondé (1985, p.18), defende a importância de a leitura para crianças ser iniciada em casa:

O ideal seria que a criança pudesse manuseá-los [os livros infantis] muito antes de entrar para a escola e ser alfabetizada. Junto com os primeiros brinquedos, ela já deveria ter livros bem resistentes ao uso: de pano ou cartonados, e folhear algumas revistas ilustradas. É indispensável, ainda, que ouça muitas histórias inventadas por adultos ou retiradas da tradição familiar e do folclore. A literatura oral desperta um

prazer enorme no pré-leitor e está sendo negligenciada, atualmente, nas cidades grandes, por causa da vida agitada, da utilização exagerada da televisão e da negligência da família em relação à leitura. Assim, as cantigas de ninar e de roda, as parlendas e adivinhas, por exemplo, são uma ótima forma de iniciar os pequenos na arte literária e de manter viva a tradição popular oral.

A citação, nos idos dos anos 80, culpa a televisão por ocupar o tempo que poderia ser usado para atrair as crianças à literatura oral. Se a citação fosse no século XXI, provavelmente a culpa cairia sobre o tablet, ofertado às crianças bem pequenas graças ao grande apelo visual e sonoro. Mas a chamada à negligência dos pais continua atual. De fato, nem a televisão, nem o tablet são culpados de afastar as crianças dos livros. Cabe ao adulto, especialmente aos pais, mostrar o livro (tanto o impresso quanto o eletrônico) como um objeto atrativo, seja pela história, seja pelos complementos à história – os apelos produzidos pela tecnologia.

Goés (1984, p. 33 -34) pergunta:

Será que nós, pais, junto com o primeiro brinquedo ou chocalho que compramos para nosso filho, com a primeira bola ou ursinho, lembramos de acrescentar um ou mais livrinhos? Caso o bebê não veja o livro misturado aos objetos do seu dia-a-dia não permanecerá ele como objeto desconhecido? Há livros de pano próprios para o bebê brincar, chupar. Quando um pouco maiores, tememos que nossos filhos rasguem os livros? Reservamos no seu quarto, ou no espaço reservado para o bebê, um lugar onde tenha livros e revistas a seu alcance? Amontoamos no chão, para o garoto que engatinha, livros apropriados a sua idade e tamanho? Folheamos com ele tais álbuns?

Essas perguntas continuam merecendo respostas. A iniciação literária é mais atraente hoje, pois dispomos de livros impressos com cheiros, com sons, que se pode tatear, com ilustrações bem coloridas e chamativas. O bebê a quem os pais ofertam tais livros terá a oportunidade de ver o objeto livro como algo desejável.

Se os pais tiverem o cuidado de presentear seus filhos, ainda quando bebês, com livros e tirarem tempo de fazer a leitura para eles, estimularão nas crianças o desejo de ler.

Morais (1996, p.171) defende:

Não se pode ter desejo de ler sem saber o que é isso. A leitura em voz alta feita pelos pais cria na criança o desejo de ler por si mesma, tão irresistível quanto o desejo de começar a andar sozinha. A melhor demonstração disso é o fato de que, muitas vezes, a criança para a qual se lê à noite, antes de dormir, pede para ficar sozinha, só mais um pouquinho, com o livro entre os joelhos abertos, olhando-o, refazendo o que o papai ou a mamãe acabam de fazer, tentando encontrar o eco mágico das palavras lidas.

Presume-se que se os pais continuarem lendo ou oferecendo bons livros às crianças, criando um prazer proporcionado pelas possibilidades de descobrir e entender o mundo, as pessoas, compartilhar os sentimentos, achar respostas e esclarecer aflições, a alfabetização inicial não será tão difícil.

Pais leitores podem influenciar as crianças a gostar de ler e esse gosto pode estender-se por toda a vida de um indivíduo. Um exemplo disso pode ser encontrado em Todorov (2009, p. 15, grifo do autor):

Por mais longe que remontem minhas lembranças, sempre me vejo cercado de livros. Como meus pais eram ambos bibliotecários, havia sempre muitos livros em casa. [...] Logo aprendi a ler e comecei a devorar os textos clássicos adaptados para jovens, *As Mil e Uma Noites*, os contos dos irmãos Grimm e de Andersen, *Tom Sawyer*, *Oliver Twist* e *Os Miseráveis*.

Claro está que nem todas as crianças têm o privilégio de ter muitos livros em casa como esse historiador e ensaísta búlgaro, mas é uma boa ideia os pais manterem à vista os livros e disponibilizarem para leitura o que as crianças com certeza apreciariam.

Todorov (2009, p.15-16) indicou como essas leituras em casa o incentivaram a ler durante todo o ensino fundamental:

Durante o primário e o ginásio, continuei a venerar a leitura. Entrar no universo dos escritores, clássicos ou contemporâneos, búlgaros ou estrangeiros, cujos textos passei a ler em versão integral, causava-me sempre um frêmito de prazer: eu podia satisfazer minha curiosidade, viver aventuras, experimentar temores e alegrias [...]. Não sabia o que queria fazer da minha vida, mas estava certo de que teria a ver com a literatura. [...] ao final do ensino médio, escolhi minha carreira universitária: estudaria Letras. Entrei para a Universidade de Sófia em 1956, falar de livros seria a minha profissão.

A experiência de Todorov mostrou que, se despertado na infância o gosto de ler, existe a possibilidade de que esse gosto continue na adolescência e na idade adulta.

Cabe lembrar que quando as crianças começam a desenvolver a fala elas tentam imitar os sons que seus pais produzem, começam com sons depois com sílabas até conseguir falar a primeira palavra; do mesmo modo acontece com a leitura: quando os pais começam a ler para os filhos em voz alta, mostram como é o som da leitura, como se segura e folheia um livro. Logo os filhos estão replicando o comportamento dos pais, e o gosto pela leitura.

E aqui é imperativo citar Proust (1982, p. 30) quando mostra a importância da leitura em voz alta de sua mãe, antes dele dormir, nos tempos de criança:

[...] amortecia de passagem toda a rudez nos tempos verbais, dava ao imperfeito e ao pretérito perfeito a doçura que há na bondade, a melancolia que há ternura, encaminhava a frase que ia findando para aquela que ia começar, ora acelerando, ora retardando a marcha das sílabas para fazê-las entrar, embora diferissem de quantidade num ritmo uniforme e insuflava àquela prosa tão comum uma espécie de vida sentimental e contínua.

Esse relato pungente do literato parisiense aponta como os pais podem dar vida às histórias, modular a fala, transformar o ato de ler em um momento de afeto.

Às vezes nos deparamos com adultos que não gostam ou não conseguem sequer ler um livro inteiro, mas será que esses adultos tiveram iniciação a leitura na infância? Será que a leitura foi apresentada da maneira prazerosa para eles, quando eram crianças?

Outro exemplo que se pode citar é o de Cashdan (2000), professor de Psicologia de uma universidade norte-americana, que em livro sobre contos de fadas orienta pais, mestres e psicoterapeutas a escolher a história que melhor atenda a situação que a criança enfrenta no momento. Cashan (2000, p. 15) comenta:

Tive contato com os contos de fadas em dois momentos: primeiro quando criança e depois anos mais tarde, já adulto. Como a maioria dos pais e mães em toda a parte, meus pais leram para mim João e Maria, João e o Pé de Feijão e outras histórias populares.

Cashan (2000) esclarece que continua gostando dos contos de fadas e vale-se deles em seus cursos, seminários e livros, pois percebe a importância da fantasia na vida das crianças.

Uma criança que teve a iniciação à leitura desde a infância terá a vantagem em conhecer a leitura por prazer, adentrar no universo ficcional, compartilhar as aventuras dos personagens desde seus primeiros anos de vida:

Para ele [o filho], nos transformamos em contador de histórias. Desde o seu desabrochar para a linguagem, nós lhe contamos histórias. E essa era uma aptidão em que nos desconhecíamos. O prazer dele nos inspirava. A felicidade dele nos dava fôlego. Para ele, multiplicávamos os personagens, encadeávamos os episódios, refinávamos as armadilhas... Como o velho Tolkien para seus netos, inventamos para ele um mundo. Na fronteira entre dia e noite, nos transformávamos em romancista, só dele. [...] E mesmo se não contássemos histórias, mesmo se nos contentássemos em ler em voz alta, nós, ainda assim, teríamos sido o romancista dele, o contador único por quem, no final de cada dia, ele escorregava dentro dos pijamas do sonho, antes de se dissolver nos lençóis da noite. Quem não se lembra dessa intimidade, incomparável. Como gostávamos de amedrontá-lo, pelo puro prazer de o consolar! E como ele reclamava esse medo! Nada bobo, já, e, no entanto, todo trêmulo. Em suma, um verdadeiro leitor. Assim era a dupla que formávamos na época, ele leitor, e tão sagaz, e nós o livro, e tão cúmplice! (PENNAC, 1998, p. 17-18).

A citação aponta um ingrediente mágico na contação de uma história ou na leitura dos pais aos filhos pequenos, na hora de dormir: a cumplicidade! Além disso, deixa entrever o afeto entre pais e filhos, unidos pela história, pelo momento de intimidade e aconchego.

Continua Pennac (1998, p. 20, grifo do autor): “É, nós lhe ensinamos tudo do livro. Nós abrimos formidavelmente seu apetite de leitor. A tal ponto, lembremos, a tal ponto *que ele tinha pressa em aprender a ler!*” O autor lamenta que os pais, com o crescimento dos filhos, vão adotando certa distância deles, perdendo a intimidade com eles e delegando à escola a tarefa de incentivar os filhos a ler, uma vez que será nessa instituição que eles aprenderão a escrever. Argumenta que é na escola que o prazer de ler se transforma em obrigação, em cobrança no entendimento do conteúdo do livro.

Pennac (1998, p. 13) alerta: “O verbo ler não suporta o imperativo.” Observa que alguns pais, influenciados pelos professores, impõem a leitura aos seus filhos e culpam os novos meios de comunicação pelo descaso dos jovens à leitura. Mas se esquecem do prazer que eles sentiam

ao contar histórias quando os filhos eram pequenos e do prazer que os filhos sentiam ao escutar essas histórias, pois não eram apresentadas de forma imperativa e sim de forma prazerosa.

Assim, segundo Pennac (1998, p. 22):

Ele [o filho] é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência, estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar, acompanharem seus esforços [...] se recusarem a transformar em obrigação aquilo que era prazer [...]

Ficam, assim, algumas sugestões para os pais: ler para os filhos desde bebês, priorizar o aconchego e a cumplicidade no momento da leitura; quando alfabetizados, sugerir leituras (ao invés de exigir leituras); deixar a criança ter prazer na gratuidade da leitura; permitir que a criança escolha suas leituras. E, acima de tudo, os pais devem se lembrar que foram crianças um dia. Transcrevemos no quadro 1 do mesmo artigo, possibilidades para os pais incentivarem o exercício da leitura nos filhos.

Quadro 1: Possibilidades para os pais incentivarem o exercício da leitura nos filhos por meio da literatura infantil.

Possibilidades para os pais incentivarem o exercício da leitura nos filhos por meio da literatura infantil
1) Oferecer junto com os primeiros brinquedos, livros infantis bem resistentes ao uso: de pano ou cartonados. 2) Folhear algumas revistas ilustradas. 3) Contar histórias inventadas por adultos ou retiradas da tradição familiar e do folclore. 4) Realizar as cantigas de ninar e de roda, as parlendas e adivinhas. 5) Acrescentar, junto com o primeiro brinquedo ou chocalho que compramos para a criança, com a primeira bola ou ursinho, um ou mais livrinhos: para que esta veja o livro misturado aos objetos do seu dia-a-dia e que se torne um objeto familiar à criança. 6) Reservar no quarto, ou no espaço do bebê, um lugar onde tenha livros e revistas a seu alcance. 7) Realizar visitas em bibliotecas e livrarias. 8). Quando alfabetizados, sugerir leituras (ao invés de exigir leituras); permitir que a criança escolha suas leituras.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Segundo Held (1980, p. 221):

O que é o contador, quer se trate da história oral, quer as da escrita, senão aquele que não deve se esquecer de sua infância, que recusa a esquecê-la e deixar-se normalizar completamente? Aquele que, por isso mesmo, se torna cúmplice da criança, que a auxilia a prolongar sua brincadeira, a construí-la, a enriquecê-la, que a faz passar da brincadeira de símbolo comum para o que já toma forma de criação.

Com o incentivo dos pais desde a infância, por meio de uma contação ou leitura de histórias, um passeio em uma livraria, um livro de presente, a visita em uma biblioteca pode despertar o interesse da leitura nos filhos. Ao perceber que os livros são de importância para os pais, os filhos também reconhecem a importância da leitura e seu valor, portanto se o livro é

importante no ambiente familiar, os filhos se lembrarão dos momentos gostosos que foram compartilhados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muitos casos, a família é a primeira incentivadora da leitura por prazer, pois o gosto pela leitura começa a ser formado no berço, através de canções de ninar e percorrer toda a infância, por meio de contação de histórias e incentivo à leitura de livros interessantes. Ou seja, desde o momento em que os pais apresentam a leitura literária para seus filhos até o momento que estes estejam prontos para ler de maneira autônoma, existe um longo caminho que requer a presença e o acompanhamento amoroso dos adultos. Através dos incentivos dos pais, os filhos poderão se lembrar de suas vozes queridas ou das palavras envolvidas nessa magia divertida que é a leitura, esse ato é o que tem o poder de nos formar leitores, e o que muitas vezes nos faz querer reviver em diferentes momentos da vida as experiências afetivas do encontro que envolve pai, filho e livro.

No entanto, não podemos esquecer que nem todas as famílias brasileiras são de leitores, o que pode acarretar uma experiência negativa entre a leitura e as crianças, o que se deve ao fato do contato da leitura ter sido realizada pelos pais ou professores de uma forma obrigatória. Diante disto podemos compreender a importância de a leitura ser inserida na vida das crianças por prazer e por um adulto, que faz essa mediação também para o prazer. A criança poderá entender os benefícios da leitura e manter o exercício do ato de ler ao longo de sua vida.

Presente no cotidiano familiar desde cedo, a leitura pode ser apresentada como auxílio, nos informando e nos oferecendo lazer. O ato de ler permite a formação e autonomia das crianças, ajudando na capacidade de aprender, entender, comunicar e de poder expressar suas próprias opiniões.

Os bibliotecários de biblioteca escolar têm como papel, ajudar na mediação da leitura com as crianças, alcançando também os pais. Para que isso aconteça é fundamental que eles gostem de ler, promovam atividades de cursos de formações com os pais. Atendam às necessidades de leitura das crianças, assim como também a demanda de pais e professores.

Embora a leitura apresentada na escola seja de maneira didática, com o objetivo de alfabetizar, é somente na escola que algumas crianças têm o primeiro contato com o livro, o que pode se associar a leitura de uma forma obrigatória, dificultando o prazer pela leitura. Por isso a importância de os professores e bibliotecários de biblioteca escolar praticarem o ato de ler, deixar que os alunos possam escolher seus próprios livros, e oferecer livros que retratem as

experiências infantis. Não pensando na leitura somente como forma de decifrar a escrita, mas como a forma de inserir sentido ao que se lê. Mesmo que a escola contribua para a formação de leitores, a responsabilidade de desenvolver a inteligência e a formação das crianças na infância pela leitura é dos pais, que não deverão negligenciar a leitura em casa, continuando a ler histórias para os filhos. Sendo assim, o incentivo à leitura que surge no ambiente familiar, se oferecida de maneira correta pela escola, ou seja, como um exercício gostoso, poderá ter maior sucesso. Se a criança aprende a ler se divertindo e não por obrigação, terá uma capacidade maior de interpretação, com outros tipos de leitura que surgem na escola.

Ressalta-se que a leitura literária possui benefícios de grande importância para formação da criança no meio social e cultural, além de servir como construção afetiva para seus sentimentos, e terapêutica para suas emoções. Se os pais possuem o exercício de ler, provavelmente a criança terá acesso ao mundo da leitura literária desde cedo, fazendo com que ela crie uma emancipação imaginária na qual ela consegue estar em lugares nunca vistos, imaginar heróis, viver situações que somente ela possa viver. Quando os adultos leem livros infantis eles ocasionam um reencontro com a criança que um dia eles foram entrando num mundo de sonhos, permitindo mostrar aos filhos a magia da leitura, da imaginação, do pensamento e do amor pelos livros, e os filhos não vão esquecer das histórias e dos momentos prazerosos que foram compartilhados. Esses encontros repetitivos, mas sempre com novos sabores, permitem a criança perceber que a troca de experiências que ocorre entre o livro e sua vida real ajuda a esclarecer algumas dúvidas que surgem ao longo da sua formação.

Através da leitura literária, a partir da linguagem oral, é que se cria uma ponte para a linguagem escrita e para as diversas áreas do conhecimento. A leitura literária permite a criança sair do seu mundo e adentrar em novos lugares, voltar ao passado e viajar para o futuro. Quando ocorre a interação por prazer entre autor, texto, e o conhecimento de mundo do leitor e ele consegue inferir sentido ao lido, a leitura desperta a curiosidade e criatividade. Se é na infância que a criança tem uma chance maior de adquirir educação, desenvolvimento individual e social, e se a oportunidade de ler por prazer lhe é oferecida, existe a possibilidade da construção de um mundo com maior igualdade, em relação à aquisição do conhecimento e de como expressá-lo.

A contribuição da literatura infantil no incentivo à leitura é de grande importância, além do prazer proporcionado por ouvir ou ler histórias, a literatura infantil serve para iniciar as crianças na complexidade da linguagem, valores, ideias e sentimentos que governam a vida. Os livros de literatura infantil possuem finalidade de educar e divertir as crianças. Pais leitores possuem a vantagem de educar e instruir seus filhos divertindo, sem precisar focar na moral da história, mas sim nas escolhas que os personagens dos livros fazem para solucionar ou lidar

com algumas questões apresentadas, como: amor, amizade, medo, morte, alegria, bullying, o bem e o mal, entre outros.

Por isso a importância da literatura infantil ser apresentada a criança desde a tenra idade, como forma de prazer, fazendo da leitura um jogo, ajudando na formação da criança, na construção de sua subjetividade, na capacidade de reflexão, no seu desenvolvimento individual e coletivo.

O que mais encanta em um bom livro de literatura é o poder que tem de envolver não somente os pequenos, mas também os adultos. Atualmente a iniciação à leitura é mais atraente devido aos formatos e ilustrações dos livros, enfatizando que com o aumento dos *e-books* no mercado digital os pais possam oferecer a leitura aos filhos, tanto no formato impresso quanto no digital. O importante é que essa leitura seja oferecida com o intuito de divertir.

Através do incentivo dos pais, a contação de história, o ato de ler pode tornar-se parte de uma herança familiar, se você lê para seus filhos provavelmente eles lerão para seus netos.

Pode-se observar relatos de escritores que retratam a importância do contato com livros na infância, lembranças amorosas e prazerosas que perduram ao longo de suas vidas. Eles descrevem a importância da leitura na formação pessoal e profissional, retratam como foi importante ter este contato com a leitura desde cedo, enfatizando em suas obras suas experiências para os leitores e destacando a importância dos pais no incentivo ao exercício de ler as histórias para seus filhos, histórias que passam de geração para geração. Partindo desses relatos pode-se entender que é de suma importância para as crianças que os pais sirvam de exemplo, lendo, oferecendo a leitura aos filhos e que possibilitem um lugar propício para iniciar a leitura, e que os livros fiquem em lugares disponíveis facilitando seu acesso. Deixar que a criança escolha seus próprios livros proporciona uma independência na qual ela desenvolverá seu próprio gosto pelos livros.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática. 2008.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia Encontros **Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p.32- 44, 2001. Disponível em:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2001v6n12p32/5200>. Acesso em: 30 out.2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função pedagógica: o literário na escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/371/443>. Acesso em: 03 de abr. 2020.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e literatura infanto-juvenil**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp; BLATTMANN, Ursula. Letramento digital: e-books interativos para crianças. **ÁGORA: Arquivologia em debate**, v. 30, n. 61, p. 680-702, 2020. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/937/875>. Acesso em 29 nov. 2020.

CARVALHO, Diógenes Aires de. A leitura da literatura na escola: o lugar da criança como sujeito sócio-histórico. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (org.). **Territórios da leitura: da literatura aos leitores**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006. p. 127- 141.

CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

COELHO, Nelly Novaes, **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil Teoria e prática**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1987.

DUARTE, Evandro Jair. O leitor infantil, a leitura literária e a leitura dirigida. In: PRADO, Jorge Moisés Kroll do (org.). **Mediação da leitura literária em bibliotecas**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2019. p. 141-150.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GÓIS, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Editora Pioneira, 1984.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Editora Summus, 1980.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1996. v.1.

LEFFA, Vilson Jose. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Editora Sagra, 1996.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**: sobre a formação do gosto. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

MANSUR, Odila Maria Ferreira Carvalho. O imaginário na literatura infantil. **Revista Perspectivas Online**: Campos dos Goytacaches, v.4, n. 7, p.9-18, jan./jul. 2005. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/revista_antiga/article/view/215. Acesso em: 21 out. 2019.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

MESQUITA, Armindo. Como formar jovens leitores? **Nuances**: estudos sobre Educação. Presidente Prudente, SP, ano XII, v. 13, n. 14, p. 15-30, jan./dez. 2006 . Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/367/402>. Acesso em: 25 set. 2019.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Editora Rocco Digital. 2014.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

PONDÉ, Glória. **A arte de fazer artes**: como escrever histórias para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1985.

PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1982.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. 2. ed. Campinas: Editora Pontes, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SANTOS, Cássia Maria; SILVA, Vancleize Maria; CHIARO, Sylvia De. **O trabalho com a literatura infantil**: um estudo de caso em duas pré-escolas da rede municipal do Recife. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/3514270-O-trabalho-com-a-literatura-infantil-um-estudo-de-caso-em-duas-pre-escolas-da-rede-municipal-do-recife.html>. Acesso em: 02 nov. 2019.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 2009.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias**: para as crianças, pelas crianças. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Revista Letras**, Curitiba, v. 44, p. 186, 1995. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078/12383>. Acesso em: 02 nov. 2019.

VIEGAS, Ana Izabel Trindade Guimarães, NASCIMENTO, Genoveva Batista. O hábito da leitura na visão dos concluintes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba. **Biblionline**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 58-71, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/24542/14646>. Acesso em 20 out. 2019.

ZILBERMAN, Regina. O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil. *In*: KHÉDE, Sônia Salomão (org.). **Literatura infanto-juvenil**: um gênero polêmico. Petrópolis: Editora Vozes, 1983. p. 19-32.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil**: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Editora Ática, 1984.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4.ed. São Paulo: Editora Global, 1985.